



# Linguagem não binária em *Pet*, de Akwaeke Emezi

(*Non-binary language in Pet by Akwaeke Emezi*)

(*Lenguaje no binaria en Pet de Akwaeke Emezi*)

Isabelle Ruiz Paggiro Sessino Toledo Barbosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O livro de Akwaeke Emezi, *Pet*, é sua segunda obra a chegar ao Brasil. Uma ficção infantojuvenil sobre uma utopia em que pessoas violentas e abusadoras eram tidas como monstros e, por isso, foram isoladas da sociedade graças aos anjos. Um mundo onde Chimia, uma adolescente trans que se comunica principalmente por língua de sinais, pode ter vida pacata – o que muda quando, do quadro de sua mãe sai um anjo, como se apresenta *Pet*. É ela quem a fará se questionar se a nova Lucille de fato está livre de monstros e, mais tarde, quem leva a cidade a questionar a abordagem escolhida até então para com monstros. *Pet* brinca com o imaginário infantojuvenil e apresenta linguagem não binária – diferente do livro anterior, *Água Doce*. Essa resenha se propõe a pensar o que significa a escolha por uma outra linguagem na obra e para quem o lê na esperança de, um dia, poder viver essa realidade também.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem não binária; resenha; esperança.

**Abstract:** Akwaeke Emezi's book, *Pet*, is their second published in Brazil. A fiction about a utopia where abusive, violent people were considered monsters and got isolated from society thanks to angels. A world where Chimia, a trans adolescent who mostly communicates by sign language, can have a peaceful life – what changes when an angel, as *Pet* introduces themselves, comes out from her mother's paint. They will make her ask if new Lucille is really free from monsters and, later, make the city people ask if the chosen approach was the better way to deal with monsters. *Pet* plays with the children imaginary and present a portuguese nonbinary language – different than the first published in Brazil, *Fresh water*. This review considers the meaning of this translation choice in the book for those who read it hoping that, one day, they could live like that as well.

**Keywords:** nonbinary language; review; hope.

**Resumen:** El libro de Akwaeke Emezi, *Pet*, es su segunda obra publicada en Brasil. Una ficción sobre una utopia donde personas abusadoras y violentas fueron consideradas monstruos y aisladas de la sociedad gracias a los ángeles. Un mundo donde Chimia, una adolescente trans que se comunica principalmente por lengua de señas, puede vivir en paz – lo que cambia cuando de la tela de su madre, sale *Pet*, un ángel como se presenta él. Y justo él hará a Chimia cuestionar si de verdad está Lucille libre de monstruos y, después, la ciudad se cuestionará si tomaron la mejor medida para lidiar con los monstruos. *Pet* juega con la imaginación pueril y presenta lenguaje no binario – al contrario del primer libro publicado *Agua Dulce*. Esa reseña considera el significado de la escogida por esa traducción para el libro y para quienes leerán esperando que, un día, puedan vivir en una realidad así.

**Palabras clave:** lenguaje no binario; reseña; esperanza.

<sup>1</sup> Professora de Letras, mestrando em Educação na Universidade Estadual de Presidente Prudente. E-mail: isabelle.paggiro@unesp.br



‘Nós somos nossa colheita’ Chimia sussurrou, a voz caindo sobre a pele das sobancelhas do amigo, as palavras como garoa. Pet fez um som de estalo em seu peito e se aproximou um pouco. ‘Nós somos nosso problema’. Com sua fala, a respiração de Redenção começou a estabilizar. ‘Nós somos nossa magnitude e nosso elo’. Chimia terminou. Elus ficaram imóveis por alguns minutos, a sala silenciosa na luz do sol (Emezi, 2021, p. 115).

Akwaeke Emezi chega ao Brasil com seu romance autobiográfico *Água doce* (2019) – ainda que esteja categorizado como ficção porque a literatura está impregnada de uma visão colonial de construção de realidade incapaz de entender as dimensões que elu oferece em suas palavras. E sim, elu (do APF<sup>2</sup> ê/elu/-e como proposto por Ophelia Cassiano no *Guia para “linguagem neutra”*, 2022) é como escolho tratar essa pessoa e, também, generalizar ao longo do texto. Porque, apesar do que consta no próprio livro ao contar que se refere a Akwaeke Emezi como ele porque é esse “neutro” porque assim se construiu e foi aceito socialmente até então, o que hoje é questionado por um movimento que Akwaeke Emezi se coloca ao lado: a quebra dos estereótipos binários e da imposição cissexista. E apesar de, no Brasil, a tradução da primeira edição de *Água Doce* escolher neutralizar com o/ele/-o, a tradução da segunda, *Pet*, neutraliza por ê/elu/-e.

Esses movimentos aos quais Emezi se alinha se expressam na construção dessa obra. Chimia, a personagem principal, é uma adolescente trans com uma família amorosa (que inclusive incentiva e oferece todas as condições para sua hormonização e cirurgia, porque ela assim o quer ainda que seu pai entenda que ela não precisa de nada disso para ser uma garota) e amigas acolhedoras (que ela enxerga como família). Ela, na maioria do tempo, se comunica por línguas de sinais e é quem traz Pet, um anjo, para o mundo real direto do quadro de sua mãe. Azedume é pintora e, em uma tarde, expressa em um quadro a imagem<sup>3</sup> delu – que, mais tarde descobrimos, precisa de sangue para sair da tela. Quando o faz, a razão é apenas uma: caçar monstros. Nesse momento, já se percebe como são representados de maneira provocadora os ideais maniqueístas comumente presentes no universo da literatura infantojuvenil. “Anjos não são figuras bonitas em livros sagrados velhos, do mesmo jeito que monstros não são imagens feias. São pessoas fazendo coisas difíceis e coisas ruins. Mas são pessoas, nossa gente” (Emezi, 2021, p. 20).

É interessante como se manifestam os anteriormente citados movimentos (quebra de estereótipos binários e questionamento da imposição cissexista) nessa narrativa, porque se expandem para outra noção de famílias possíveis, para um uso de linguagem sem gênero (como

<sup>2</sup> artigo; pronome; final de palavra (desinência/flexão de gênero).

<sup>3</sup> A descrição delu é de um enorme corpo com pernas de bode, coxas salientes e da cintura para cima, um torso completamente retorcido, peludo, branco, espesso, mas sujo como se de sangue e de braços longos, emplumados e com um ouro iridescente terminado em mãos obscenamente humanas parecidas com as de Azedume (2021, p. 24).



genérica e como pessoal de algums personagens da obra, Sussuro e Pet) e para a perspectiva oferecida desse mundo. Tudo se constrói como a perfeita realidade em que qualquer dissidente das fronteiras coloniais gostaria de estar. Até que Pet aparece.

Pet dá ao livro um outro tom. Elu chega e anuncia que monstros ainda existem, Babosa e Azedume se desentendem pela primeira vez na história, Chimia e Redenção (seu melhor amigo) também, e elu leva ês adolescentes à biblioteca para pedir por monstros familiares. Pet não é “do mal”, mas sua presença traz desconfortos. Chimia não é “do bem”, é uma garota que se vê na situação de caçar monstros. Emezi demonstra em suas personagens uma complexidade naturalmente humana e nesse livro, em especial, brinca com esse binarismo bem/mal, feio/belo. Monstros são pessoas (podem até ser anjos) e anjos podem ter aparência assustadora. Pessoas podem agir mal, independentemente de suas intenções – isso é sobre Chimia, Babosa, Hibisco, Vidro.

Esses são nomes de algumas das personagens, o que igualmente pode ser visto como em alinhamento às contestações que Emezi pretende fazer. O que seria um nome de mulher, de homem, de não binária? Então... o que seria um nome de pessoa? Essas categorias (mulher, homem, não binária, pessoa) já são tensionadas pela teoria *queer*, mas o que esse escritor faz é ilustrar radicalmente isso como realidade possível. É muito potente viver em um mundo onde alguém cisdissidente escreve considerando uma sociedade que viveu o suficiente para oferecer uma vida com uma violência redistribuída – algo que Jota Mombaça (2021) defende artisticamente em seu livro *Não vão nos matar agora*. Esses dois livros conversam nesse ponto, aliás. Mombaça pensa na necessidade da redistribuição da violência como forma de entender que, infelizmente, ela está impregnada nas nossas educações e o que nos resta é redistribuí-la para com ela lidar. Um exemplo é apresentado nesse livro: encontrar monstros exigiu dos anjos “fazer coisas sombrias, coisas difíceis” (Emezi, 2021, p. 53), mas, por fim, monstros foram colocados em centros de reabilitação que não são a mesma coisa que cadeias (Emezi, 2021, p. 21).

Outro ponto do livro que gostaria de comentar é como se dá a transição de escolha das traduções. O primeiro livro delu foi lançado no Brasil em 2019 – o primeiro ano de um governo declaradamente de ultradireita. Esse, o segundo, em 2021 – dois anos depois. Muita coisa aconteceu nesses dois anos. Quando o mundo começou a flertar com ideias fascistas, nós tivemos medo. Quando o Brasil se declarou federalmente fascista, nós tivemos mais medo ainda. Muites de nós não puderam estar conosco para ver que, conforme o tempo passava, descobrimos que “alianças estratégicas e improváveis às vezes parecem impossíveis e o impossível acontece” (Leal, 2020, p. 25). Nós encontramos maneiras de sobreviver. Talvez tenha sido dessa descoberta ou de alguma outra sensação de liberdade *queer* que foi gerado o sentimento de “que a hora era propícia para



essa aventura”, usar linguagem neolinguagem para se “referir a personagens que não têm gênero, ou são não binários”, como escreve Carolina Kuhn Facchin (2021, p. 3) na nota de tradução do livro. Ela indaga sobre o que muda, como isso impacta a leitura e conclui “nós não podemos dizer, vai depender de cada uma, e de sua disposição a desbravar um novo jeito de se referir às pessoas” e a *Pet*. Gostaria de, como trans não binária, responder para a Editora Kapulana e para Carolina que esse livro representa para mim algo que desejei por muito tempo. Muda que agora posso apresentar para minhas alunas um exemplar físico, material, real que diz É POSSÍVEL OUTRAS EXISTÊNCIAS.

---

### Referências

CASSIANO, O. Guia para “Linguagem Neutra”. *Medium*, [s. l.], 17 jan. 2022. Disponível em: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>. Acesso em: 28 maio 2023.

EMEZI, A. *Água doce*. Tradução de Carolina Kuhn Facchin. São Paulo: Kapulana, 2019.

EMEZI, A. *Pet*. Tradução de Carolina Kuhn Facchin. São Paulo: Kapulana, 2021.

LEAL, A. C. *Aqueerlombamentos: as novas políticas do comunitarismo y da deserção lgbtqia preta*. São Paulo: n-1 edições, 2020. (Série Pandemia Crítica).

MOMBAÇA, J. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

